

Enchente, acontecimento e signo¹

Tiago SEGABINAZZI²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

Este ensaio³ é composto de observação empírica pessoal e problematização teórica sobre o histórico de enchentes que atinge o Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul. Refletimos sobre o surgimento de eventos extremos em meio a uma aparente regularidade: por conta disso, como um acontecimento inaugura algo de inédito e como pode se confundir com apenas outra ocorrência do já conhecido? A partir de discussões semióticas e de teorias acontecimentais, pretendemos questionar epistemologicamente um tema tratado por Ciro Marcondes Filho: o potencial comunicacional de uma catástrofe. Com a noção de que uma interação ocorre não apenas diretamente entre pessoas, mas também por meio de mensagens deixadas num ambiente, discutimos também a “natureza” destes signos em jogo: naturais ou culturais?

PALAVRAS-CHAVE: enchentes; Vale do Taquari; semiótica; acontecimento; comunicação.

Introdução ao inédito

O que “irrompeu à superfície lisa da história”⁴ em maio de 2024 no Rio Grande do Sul?

Para responder essa pergunta, precisamos retroceder um pouco. Em 2023, alguns meses antes do acontecimento que será discutido, o Vale do Taquari fora atingido por uma das maiores enchentes já registradas nesta região do interior gaúcho. A concentração anormal de um alto volume de chuva nas cabeceiras⁵ fez o rio Taquari se elevar com velocidade durante a madrugada do dia 04 para o dia 05 de setembro. Seu nível atingiu

¹ Trabalho apresentado no GP Semióticas da Comunicação, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, tiagosegab@gmail.com.

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

⁴ Uma das mais célebres formulações sobre acontecimento vem de Adriano Rodrigues (1993, p. 27): é “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais”.

⁵ Locais topograficamente mais altos em um curso de água.

29,62 metros entre os municípios de Lajeado e Estrela. O normal ali são pouco menos de 13 metros. O alargamento do leito e a violência das águas devastaram dezenas de cidades próximas às margens. Algumas delas, como Roca Sales e Muçum, foram destruídas quase em sua totalidade. Nesta catástrofe atribuída a um ciclone extratropical⁶, milhares de pessoas perderam suas casas e seus pertences, 54 morreram e quatro ainda estão desaparecidas⁷. Desde setembro de 2023. Estes registros de destruição fizeram com que o evento fosse considerado, à época, o maior “desastre natural” da história do Estado⁸.

Entretanto, esse acontecimento – ainda recente e já histórico –, mesmo que tenha sido causado por condições raras, não teve caráter de algo exatamente inédito: por um lado porque as enchentes no Vale do Taquari são rotineiras (ocorrem até três vezes por ano) e por outro porque um espectro ronda o imaginário dos gaúchos – o espectro da “enchente de 1941”.

Naquele tempo, o rio Taquari atingiu o nível considerado o mais alto desde que se tem registro – 29,92 metros entre Lajeado e Estrela – e, para muito além da região interiorana, as consequências catastróficas se tornaram também um marco na região metropolitana de Porto Alegre. Mais de vinte dias de chuva em quase todo o Rio Grande do Sul⁹ provocaram aumento constante dos leitos dos rios e escoamento lento das águas: teriam sido essas as condições de possibilidade daquele distante acontecimento. Teria sido uma “situação atípica”.

A anormalidade é uma das características de um *acontecimento*, no sentido filosófico, sociológico e comunicacional. Se olharmos uma folha que caiu no chão depois de se desprender de um galho, somos levados a pensar que isso (esta descrição) foi o que *aconteceu*. Entretanto, nesta perspectiva que nos interessa, não podemos pensar que toda folha que cai de seu galho constitui um acontecimento. O mundo todo está *acontecendo* a todo instante, mas o que será considerado um acontecimento é aquilo que afeta alguém (ou muitas pessoas) e que pede uma explicação para sua constituição, suas causas, suas

⁶ Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/v%C3%ADdeo-mu%C3%A7um-e-roca-sales-seis-meses-ap%C3%B3s-a-trag%C3%A9dia-1.1479878>. Acesso em 16 jun. 2024.

⁷ Em junho de 2024. Disponível em: <https://www.defesacivil.rs.gov.br/apos-identificacao-de-mais-uma-vitima-chega-a-54-o-numero-de-mortos-nas-enchentes-no-vale-do-taquari>. Acesso em 16 jun. 2024.

⁸ Levando em conta principalmente como critério as perdas materiais. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/09/06/com-21-mortos-ultima-passage-de-ciclone-extratropical-supera-a-maior-tragedia-natural-do-estado.ghtml>. Acesso em 28 jun. 2024.

⁹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/chuva-em-porto-alegre-como-foi-a-historica-enchente-de-1941/>. Acesso em 28 jun. 2024.

consequências. Para Queré (2008, p. 61), esse é o “poder hermenêutico” de um acontecimento que, ao irromper e alterar a ordem das coisas, pede para ser compreendido:

Quando um acontecimento se produziu, qualquer que tenha sido a sua importância, o mundo já não é o mesmo: as coisas mudaram. O acontecimento introduz uma descontinuidade, só perceptível num fundo de continuidade [...] Os acontecimentos importantes, são, em grande parte, inesperados. Quando se produzem, não estão conectados aos que os procederam nem aos elementos do contexto: são descontínuos relativamente a uns e a outros e excedem as possibilidades previamente calculadas.

Tanto esse evento antigo e grandioso quanto a recorrência de outros menores motivaram a sociedade a adotar alguns hábitos específicos em relação à natureza – como a prática de observações empíricas e a criação e adoção de instrumentos com vistas à produção de conhecimento sobre o clima, sobre seus sinais e seu comportamento mais ou menos provável. Poderíamos citar também pluviômetros caseiros e réguas para medir o nível do rio, instaladas em locais diversos por famílias ou por instituições públicas, fincadas na terra ou pintadas em paredes. Como consequência, se desenvolveram pontos de monitoramento, fontes de informação, fluxos de comunicação, redes de apoio material e técnico, espaços de refúgio. Um arranjo rudimentar, que se realiza e se reatualiza conforme as exigências pontuais de cada episódio de cheia.

Com registros regulares das precipitações, com o interesse coletivo pelos números e uma certa “vontade de hierarquia” – gramática comum na imprensa e desejada pelo público –, os eventos associados ao “acaso cego” “naturalmente” passaram a disputar o título de qual seria “o maior de todos”. Assim, a enchente de 1941 se tornou uma *referência*, algo a ser lembrado em momentos difíceis e capaz de promover alguma união; ao contrário do mês de setembro do ano anterior, que foi uma época dividida pela campanha para as eleições presidenciais de 2022, em setembro de 2023 houve no Vale do Taquari um acordo momentâneo sobre a cheia devastadora: “essa ainda não foi maior que a de quarenta e um”.

Entretanto, esse consenso passou a ser questionado. No início de abril de 2024, um estudo técnico apontou que a enchente de setembro de 2023 teria sido, sim, maior¹⁰. A observação se baseou em registros fluviométricos, fotografias e marcas de elevação da

¹⁰ Pesquisa feita pela Universidade do Vale do Taquari, pela Universidade do Rio Grande do Sul e pelo Serviço Geológico do Brasil. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ambiente/noticia/2024/04/estudo-aponta-a-enchente-do-rio-taquari-de-setembro-2023-como-a-pior-em-lajeado-nos-ultimos-150-anos-clusx86e800oz012ji74yuj62.html>. Acesso em 28 jun. 2024.

água em prédios. Ainda seria preciso investigar mais para poder afirmar, sem dúvidas, que foi a maior desde o início da colonização europeia, em 1873. Segundo estes novos critérios, outra novidade seria que a cheia de 1941 não estaria em segundo lugar na lista, mas sim em terceiro: à sua frente estaria também a enchente de novembro de 2023. Sim, no breve período em que essa controvérsia se desenvolvia, o rio Taquari bateu nos 29 metros mais uma vez: foi tempo suficiente para ocorrer mais uma cheia, mas rápido demais para ser absorvida pela sociedade¹¹ ou para fazer parte desse texto.

O que importa atentar é que esta revisão sugeria que novas referências poderiam estar surgindo: não mais a antiga enchente de 1941, mas as duas últimas, tão perto uma da outra, tão perto de nós. Se as contas se confirmassem, este reenquadramento seria um “acontecimento interno”: não um evento que ocorre no mundo exterior, mas sim a forma que percebemos e significamos o mundo ao nosso redor. Para Žižek (2017, p. 8), o conceito de acontecimento pode ser entendido na filosofia tanto pela via transcendental quanto pela ontológica “[...] seria um acontecimento uma mudança na maneira como a realidade se apresenta a nós ou uma violenta transformação da realidade em si?”.

Apesar dessas perspectivas aderirem a tradições conflitantes ao longo da história do pensamento – o idealismo e o realismo –, entendemos que mesmo o acontecimento “externo” impõe também um acontecimento “interno”, que é posterior à ocorrência desse algo capaz de motivar um rearranjo perceptivo¹². O que estava em jogo, portanto, era mais do que o “título de maior enchente”, mas principalmente a aceitação social da possibilidade de termos que conviver com enchentes maiores do que estamos acostumados, de precisarmos aprender novas formas de reagir a elas e – o mais drástico – talvez ter que rever os rumos que pensávamos serem seguros.

A construção de uma sociedade passa pela escolha de determinados locais em que se deposita confiança e se investe valor: a *valorização* de certas regiões de uma cidade, mais do que “refletir” o presente, agencia o futuro, pois aponta como, a que custo e para quem ocorrerá o tal desenvolvimento local. Por isso, houve, claro, resistência e desconfiança em torno dessas revisões: um *conservadorismo* que não era mera nostalgia de querer conservar a enchente de 1941 como a maior, mas de querer conservar a ideia

¹¹ Entre uma cheia e outra, muitas pessoas permaneceram em abrigos; não houve tempo de retornarem às suas casas.

¹² Além desta consideração estar de acordo com uma perspectiva pragmática ou fenomenológica (Peirce, 2005), é a explicação intrínseca de que um acontecimento só pode ser algo que atinge um observador – que é capaz de perceber a ocorrência de algo e que, em última instância, foi quem criou, tamanha a afetação e a surpresa que este algo causou, esse conceito para tentar entendê-lo. Ou seja: um acontecimento sempre é para-alguém.

de futuro que até então foi *investida*. Além disso, existe um certo estado de espírito capaz de considerar “tudo isso” mero exagero dos pesquisadores ou sensacionalismo da imprensa: “adoram fazer alarme por pouca coisa”.

A questão ficou em aberto, a discussão se estendeu ao longo das semanas e o final do mês de abril se aproximava. Chovia bastante e há vários dias em todo o Rio Grande do Sul. Surgiram alertas sobre uma nova enchente, poucos meses depois daquelas que poderiam ter sido as maiores da história – ou não. No Vale do Taquari, cada previsão de cheia costuma ser regulada pela experiência coletiva, que geralmente diminui as expectativas anunciadas por supostamente entender melhor como se comportam o clima e as águas. Dessa vez, porém, o sentimento predominante era outro: espreita. Havia mais receio do que convicção com o que poderia acontecer *nesta enchente* – que já não era *mais uma*. Como se finalmente fosse algo a ser levado a sério, os alertas das prefeituras tinham tom de urgência e intenção de convencer as pessoas em áreas de risco sobre o que poderia acontecer. As notícias diziam que o rio poderia subir ainda mais do que em setembro. Mesmo as manchetes, que são feitas para chamar o máximo de atenção, ficaram com tons de incrível, de inacreditável e de inverossímil¹³ acima do normal: “Não pode ser”; “Será que essa chuva é pra tanto?”; “Mas então vai ser maior que a de quarenta e um”; “Mas se for assim, não vai sobrar nada”; “Será possível?”; “Mas vai subir quanto?”.

Foram quatro metros a mais. No dia 02 de maio de 2024, o rio Taquari atingiu 33,35 metros¹⁴, conforme as previsões apontaram. Ninguém se importava se a conta não estava exata em relação aos antigos 29,62 metros: foram “quatro metros a mais”. E ponto. Uma definição precisa para um objeto ainda dinâmico. Eis o inédito. Eis a nova referência que irrompeu à superfície lisa dessa história que tinha sua régua pouco abaixo dos 30 metros de água.

Acontecimento, intenção, comunicação?

A enchente de maio de 2024 foi não somente a maior que já chegou ao Vale do Taquari, como também foi a “maior tragédia climática” da história do Rio Grande do Sul:

¹³ Para ilustrar como o público interfere no conteúdo de uma notícia, Baudrillard (1997, p. 61) dizia que as informações (sobre qualquer temática) haviam chegado ao *estágio meteorológico*, pois além de se referir aos fatos que retratavam, passaram a ser também determinadas pelas expectativas do público: “o apresentador levará em conta os erros nas previsões da véspera, o fato de que o tempo não poderia ser ruim três fins de semana seguidos (a população não o suportaria)”.

¹⁴ Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2024/05/18/a-maior-enchente-da-historia/>. Acesso em 28 jun. 2024.

quase 95% dos municípios foram atingidos, houve 183 mortes e mais de 620 mil pessoas que tiveram que deixar suas casas. Nas cidades próximas aos leitos dos rios, a força das águas destruiu imediatamente pontes, estradas e acessos, mas na região metropolitana do Estado as consequências foram mais duradouras: o Guaíba, que recebe vazão dos rios do interior, chegou ao maior nível já registrado, de 5,37 metros, e demorou mais de um mês para ficar abaixo da cota de inundação¹⁵. Durante este período, a rodoviária ficou fechada, presídios ficaram ilhados, acessos à capital gaúcha estiveram bloqueados, estabelecimentos comerciais foram saqueados e – até a entrega deste texto – o aeroporto Salgado Filho ainda não foi reaberto.

As notícias diárias mostram que esse acontecimento ainda está em aberto; duplamente: 1) suas consequências continuam sendo percebidas e cada detalhe revela o próprio fenômeno; 2) porque ainda não foi estabilizado semioticamente. O tamanho do desastre e o número de pessoas e de regiões afetadas motivaram a discussão sobre a “natureza” deste evento: *o que foi isso que aconteceu?* Seria a primeira grande manifestação das mudanças climáticas que há décadas vêm sendo estudadas, temidas, aguardadas e desacreditadas?

Segundo o Instituto de Pesquisa Hidráulicas da Ufrgs, o volume de chuva que precedeu essa cheia foi maior do que aquele lá atrás, de 1941¹⁶. Este dado permite pensar que *o que ocorreu é fruto do acaso* (mais um) presente na natureza. Porém, só por absoluta convicção – entenda-se *ideologia* – que essa hipótese pode ser aceita sem também questionarmos *se é só o acaso que rege a natureza*, ou ainda *se nas ocorrências casuais da natureza não há nenhuma interferência ou condicionamento*.

A indeterminação é própria de um acontecimento, pois ele é um efeito que excede suas causas, de acordo com Zizek (2017, p. 7): “[...] o espaço de um acontecimento é aquele que é aberto pela brecha que separa o efeito das causas”. Porém, a “nomeação” de um acontecimento é quase incontornável, pois o que emerge é algo de novo que, por isso, pede uma explicação: motiva um reenquadramento na forma de perceber o mundo.

Há um caráter de *revelação* em um acontecimento já que, segundo Henn (2010, p. 78), é possível de compreendê-lo como um “encadeamento” – o resultado de uma série

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml#16>. Acesso em 05 out. 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2024/06/volume-de-chuva-em-maio-de-2024-foi-maior-do-que-o-da-enchente-de-1941-no-rs-dizem-pesquisadores-clxp3s7ta01rh012eh9qh1sdw.html>. Acesso em 05 out. 2024.

de coisas que o precederam: “é um fenômeno de ordem hermenêutica: por um lado pede para ser compreendido, e não apenas explicado por causas e, por outro, ele faz compreender as coisas – tem um poder de revelação”.

A partir destas considerações, e para voltar ao que foi anunciado no início do texto, podemos manejar um pouco os termos para refletirmos: se um acontecimento é revelador por fazer compreender, teria ele algo a explicar? *Existe uma mensagem na enchente?* Esta questão – a possibilidade de um acontecimento natural ser comunicacional – já foi colocada ao nosso campo – não de forma pontual e específica como aqui, mas a partir de ponderações teóricas – por *Ciro Marcondes Filho* (2019, p. 5):

A meu ver, não fazem parte da comunicação acidentes ou impactos naturais que caem sobre nós, como catástrofes, terremotos, tsunamis, ou mesmo mortes naturais de pessoas próximas, porque não foram agenciados por atores humanos, são coisas que simplesmente provocam em nós mudanças, mas não no sentido de haver esse agente instigador da comunicação – que eu acho imprescindível no caso.

É preciso fazer a ressalva de que esta consideração vem de uma exposição oral de *Ciro* (a última sua em vida) posteriormente publicada em artigo. Ou seja, apesar de dizer respeito ao que o autor trata com vigor em sua *Nova Teoria da Comunicação*, ainda é inevitavelmente uma redução de seus argumentos. Porém, sua posição se apoia em uma premissa básica – a intenção¹⁷ – e percebemos que não foi a primeira vez que foi sustentada por *Marcondes Filho* (2011, p. 176): “a ocorrência ou não da comunicação tem a ver com a intencionalidade”.

Sua teoria concebe comunicação justamente como um acontecimento: algo que, mesmo que momentaneamente, nos desestabiliza, ainda que timidamente, nos modifica. Em alguma medida, o fenômeno comunicacional faz com que não continuemos os mesmos. A comunicação pode ocorrer não apenas na interação direta entre duas ou mais pessoas, mas também no contato entre alguém com um *ambiente*. Para isso, porém, *Marcondes Filho* (2019, p. 20) exige que haja a marca do ser humano neste ambiente – como na arquitetura¹⁸ de uma cidade: “mesmo nesses objetos silenciosos, calados, houve algum projeto humano que nos fez participar da comunicação”.

¹⁷ Também para *Braga* (2015) a intenção seria o que funda a comunicação, seu “grau zero”. Apesar de concordarem sobre a intenção ser basilar, *Ciro* e *Braga* têm divergências que renderam discussões profícuas. Uma articulação entre os dois pontos de vista e uma possível conciliação entre eles foi proposta em *Segabinazzi* (2022).

¹⁸ Pela visada estritamente semiótica, *Eco* (1971) também viu na arquitetura um ambiente comunicacional.

Segundo este critério é possível entender que uma catástrofe climática não é um acontecimento comunicacional, pois faltaria o agente interessado em comunicar, faltaria *intenção* na natureza. Nessa perspectiva, aplaudir o pôr-do-sol, que há alguns anos foi moda entre as pessoas que acompanhavam o crepúsculo, é um gesto absurdo, já que não se trata de um espetáculo *feito para* um observador, com intenção – pois, ao que tudo indica, é algo que ocorreria mesmo que não houvesse ninguém a observar.

Entretanto, não se pode dizer que acontecimentos, mesmo os naturais, não façam parte da mediação da experiência pública. A própria relevância de um acontecimento, diz Henn (2010), passa pela apreensão social. Se pensarmos no quanto a sociedade conversou com ela mesma – presencialmente, unidirecionalmente, pela mídia de massa etc. – tendo como tema as enchentes no Rio Grande do Sul, é inegável pensar que uma tragédia tem um potencial comunicacional. Além disso, não haver consenso sobre a forma de chamar adequadamente o que ocorreu evidencia, além de uma incerteza, uma *disputa sobre o que é/foi isso que aconteceu*: teríamos novamente que reconhecer que há comunicação devido ao acontecimento natural.

Porém, ainda caberia dizer que o acontecimento natural seria o assunto presente na comunicação, não seria o acontecimento a estar *intencionando* comunicar: pois para faltaria um “projeto humano”, que portaria *intenção, quereria comunicar algo*. Na sua argumentação, Marcondes Filho explica (2019, p. 20) diz que as ruínas de Auschwitz são comunicativas, pois fazem parte de um *projeto* humano que ocorreu, mesmo que não sido feito para comunicar:

As pradarias da Polônia, os trilhos, as ruínas de Auschwitz também me comunicaram porque são testemunhas de ações humanas voluntárias que igualmente me chocam. Não foram criadas *para* comunicar, mas são ações humanas ligadas a um projeto, mesmo que macabro. O que quero dizer é que não são só agentes fisicamente presentes que nos ligam a um acontecimento comunicacional, eu não preciso necessariamente ter a presença das pessoas, já que os próprios objetos ‘falam’, na medida em que são extensões delas e, por isso, têm a capacidade de nos chocar.

Neste ponto, percebemos que 1) é possível ver um processo comunicacional em um ambiente sem a presença física de pessoas, mas com os sinais que portam a marca do ser humano e 2) que podemos interpretar estes sinais mesmo que não haja neles qualquer intenção comunicacional.

A partir disso, se considerarmos as enchentes no Rio Grande do Sul como um ambiente portador de sinais, teríamos que nos questionar se existe ali alguma marca do

ser humano – desde a construção de casas em locais irregulares, as licenças para estas construções, a alteração de margens de rios e de leitos para projetos comerciais, o desmatamento próximo a margens de rios, os projetos desregularam códigos ambientais etc.

Parece que não faltariam marcas do ser humano presentes nesse acontecimento – que agora teríamos que nos questionar se é natural ou cultural.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDRILLARD, J. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BRAGA, J. L. O grau zero da comunicação. **E-Compós**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2015. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1161>. Acesso em: 07 ago. 2024.
- ECO, U. **A estrutura ausente**: introdução à pesquisa semiológica. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- HENN, R. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, M; FONSECA, V. P. F. (Org). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.
- GALIMBERTI, U. **L’etica del viandante**. Milão: Feltrinelli, 2023.
- MARCONDES FILHO, C. A questão da comunicação. **Paulus** - Revista de Comunicação da Fapcom. São Paulo, v. 3, n. 5, jan./jul. 2019 (p. 17-26). Disponível em: <https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revista-paulus/article/view/87>. Acesso em 28 jun. 2024.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- QUERÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012 (p. 21-38).
- QUERÉ, L. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos** – Revista de comunicação, cultura e educação. n. 6, primavera 2008 (p. 59-75).
- RODRIGUES, A. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.), **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias” (p. 27-33). Lisboa: Veja, 1999.
- SEGABINAZZI, T. Compartilhamento de informações e epistemologias da comunicação: tensionando tentativa e acontecimento. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 5, nov. 2022. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-miatizacao-resumos/article/view/1533>. Acesso em: 08 out. 2024.

ZIZEK, S. **Acontecimento**: uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.